

HISTÓRIAS DAS LUTAS SOCIAIS NO PARANÁ EM QUATRO SÉCULOS

Alessandro Cavassin Alves

RESENHA

MENDONÇA, Joseli Maria Nunes; SOUZA, Jhonatan Uewerton (Org.) **Paraná insurgente: história e lutas sociais – séculos XVIII ao XXI**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2018. 347 páginas.



Depois de ler o clássico romance de João Ubaldo Ribeiro, *Viva o povo brasileiro*, publicado em 1984, que lhe concedeu diversos prêmios literários pela sua qualidade e criticidade, tive a grata satisfação do acesso à leitura do livro *Paraná insurgente, história e lutas sociais – séculos XVIII ao XXI*, de 2018, organizado pelos professores Joseli Maria Nunes Mendonça e Jhonatan Uewerton Souza.

João Ubaldo Ribeiro, no romance, seus personagens fictícios misturam-se aos fatos reais da história brasileira, numa narrativa que envolve o leitor ao longo de quatro séculos (dos séculos XVII ao XX). O autor, igualmente, deixa implícito na obra, as inúmeras revoltas populares pela qual o Brasil passou, sendo elas centrais na compreensão da narrativa, e nas quais alguns de seus personagens lutaram contra o sistema social excludente, injusto e violento, a partir das fazendas escravocratas, revoltas nas cidades, como a dos Malês em 1835, no sertão, como a de Canudos em 1896, entre tantas outras, chegando até a ditadura civil militar, pós 1964. O romance tem como referência geográfica a Bahia, sua capital Salvador, e em especial, a ilha de Itaparica. E assim, personagens vão surgindo e desaparecendo (como uma grande genealogia das famílias brasileiras) frente às novas demandas e acontecimentos históricos. Eis um romance (numa mistura de ficção e realidade) fundamental para se compreender a formação do povo brasileiro.



Paraná insurgente não é uma obra de ficção, é um livro escrito, em sua maioria, por historiadores, e envolveu um total de 22 autores. Muitos, já pela experiência acadêmica, são considerados referências nacionais nos temas que estudam. Portanto, a junção de experientes pesquisadores é um fator de destaque dessa obra. Outro ponto que surpreende o leitor é a conexão entre os capítulos, há um diálogo entre os autores, entre um artigo e outro, entre um período histórico e outro, entre um tema e outro, dando um sentido ainda maior de unidade à obra, mas, principalmente, de unidade para o significado das insurgências populares pesquisadas. E o que aproxima essa ciência história com o romance de João Ubaldo Ribeiro, é que também *Paraná insurgente* levanta quatro séculos de “história e lutas sociais” (dos séculos XVIII ao XXI), agora envolvendo personagens reais.

Assim, percebe-se, tanto em *Viva o povo brasileiro* como em *Paraná insurgente*, que a formação brasileira perpassa necessariamente por “movimentos de contestação, de luta por direitos, de resistência à opressão”, e que não se dá em um único momento, mas transcorrem em toda a nossa história, e ainda, independente se ao norte ou ao sul deste enorme país. Da mesma forma, tais lutas não se restringem a um único ator ou segmento social, mas sempre novos personagens e novos movimentos vão surgindo e nos surpreendendo, nos inspirando, nos levando à reflexão sobre a necessidade de justiça, liberdade, oportunidade e igualdade. E, tanto a boa literatura, quanto a ciência histórica, ou ainda a sociologia, a geografia, o direito, devem contribuir para se pensar o que nós somos, o que é o povo brasileiro em sua luta constante por dias melhores.

A estrutura do livro *Paraná insurgente* está dividida em quatro grandes partes temáticas, que abarcam igualmente, cada uma das temáticas, quatro séculos de lutas sociais no Paraná. Na parte I, “escravos e população negra”, possui quatro capítulos e visibiliza (do que se parece invisível) a forte presença e as lutas da população negra no Paraná; na parte II, “disputas no território e luta pela terra”, com oito artigos, igualmente levanta outro aspecto sensível de nossa história, a questão da terra, desde os indígenas, grandes latifúndios, novos imigrantes do final do século XIX, o Contestado, inumeráveis conflitos agrários do século XX, como em Porecatu, no sudoeste, no oeste, os atingidos pela construção da barragem de Itaipu, o surgimento do MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra) em Cascavel, no ano de 1984, enfim, a delicada questão da terra, herança injusta das capitânicas hereditárias, das sesmarias e dos latifúndios, que aguarda e insiste, sem paciência, pela reforma; na parte III, “trabalhadores urbanos”, com quatro artigos, destaca estes novos atores sociais no Paraná do século XX, a classe operária e o processo de construção de consciência de classe; e, por fim, na parte IV,



encerra-se com “combates em tempos de repressão e de investidas neoliberais”, com quatro artigos, demonstrando que a luta por direitos deve ser constante e em todas as áreas.

Portanto, o leitor se depara com pesquisas primorosas e críticas sobre as lutas sociais no Paraná e que não podem ser esquecidas, invisibilizadas ou desconsideradas de nossa história, como não importantes, o que faz dessa obra fundamental para se entender o Brasil e a partir do Paraná. E se o Paraná, um estado tido como conservador e ordeiro possuem tantas histórias de lutas sociais, imagina-se a efervescência de lutas no restante deste país. Ou, o Paraná, assim como todos os outros territórios brasileiros, precisa urgentemente contar, recontar e divulgar suas histórias de lutas.

Aproveitando, em especial devido à influência da leitura do romance de João Ubaldo Ribeiro, destacarei alguns detalhes que impressionam em *Paraná Insurgente*, primeiro são as histórias individuais que vão surgindo com a leitura dos capítulos, como a luta pela liberdade, no século XIX, utilizando da justiça formal em Curitiba, pelo escravizado Barnabé [Ferreira Bello], a história do jovem Ernesto Graça na compra de sua alforria e de seus amigos por ganhar prêmio em dinheiro por ter sido melhor aluno em Paranaguá, de João da Fausta, em Curitiba, incansável na organização de espaços de irmandades negras nesta cidade, de Agostinho Leandro da Costa, negro, fundador do Partido Operário de Curitiba em 1890, do imigrante José Okunski e seus companheiros, na localidade de Antônio Olinto, primeiro considerados “colonos amotinados” por não aceitarem a situação de abandono a que estavam submetidos, e depois, certamente por terem conseguido melhores condições de vida, José Okunski, ao falecer, com 73 anos, é citado como “homem probo e trabalhador”, de se admirar com os inúmeros líderes populares da insurgência do Contestado, do conflito armado em Porecatu e o exemplo de engajamento da família Gajardoni, entre outros, dos líderes grevistas Adolpho Silveira, Bortolo Scarmagman, Octávio Prado em Curitiba de 1917, de José Bezerra de Vasconcelos, “líder dos estivadores e dos comunistas de Paranaguá”, de João Euclides dos Santos, fundador do bloco carnavalesco “Os Cangaceiros”, em Paranaguá, durante a ditadura civil-militar pós 1964, e, no mesmo período, o caso da prisão política de Ana Beatriz Fortes e do policial que a devolve em sua casa dizendo ao seu pai: “Ah! Desculpa. Foi engano”, depois dela ter passado por torturas na prisão, do assassinato do vereador Pedrinho Barbeiro, gota d’água da Revolta de 1957 no Sudoeste, dos “Josés, Raimundos e Margaridas” nas lutas pela terra no Oeste do Paraná e o que não dizer dos atingidos por Itaipu, e tantos outros personagens reais em suas lutas por uma vida digna que vão sendo citados ao longo dos capítulos; enfim, os séculos vão passando e as pessoas precisam defender seus direitos contra a injustiça social.



Mas, como nos ensina a Sociologia, os indivíduos fazem parte de um sistema social e nele se movem e se reconhecem, em suas instituições, grupos, famílias e, assim, para além dos exemplos individuais, o destaque da obra *Paraná insurgente* está também em descrever as inúmeras mobilizações em conjunto de seus atores e em suas lutas coletivas. Como exemplos, a incrível história da fazenda de Capão Alto, em Castro, nos séculos XVIII e XIX, administrada por escravos, da criação da Sociedade 13 de maio em Curitiba e de tantas outras organizações abolicionistas no Paraná novecentista, do Quilombo Paiol da Teia, em Reserva do Iguaçu e da Comunidade Quilombola João Surá, em Adrianópolis, entre tantas outras formas de resistência quilombola, das estratégias indígenas frente ao invasor nos Campos de *Coranbang-rê* (Guarapuava), nos séculos XVIII e XIX, da cultura para a luta dos sertanejos no Contestado, dos camponeses, dos posseiros, do Movimento dos Atingidos por Barragens, do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, do associativismo, dos sindicatos, dos partidos políticos, dos blocos carnavalescos, do Coletivo Sensibilizar e os carrinheiros de papel reciclável da Vila Pinto, atual Vila das Torres em Curitiba, em 1984, da luta de estudantes pela universidade estadual pública, gratuita e de qualidade no Paraná, do Fórum Popular Contra a Venda da Copel reunindo as mais diversas associações, além da participação da população paranaense em geral contra a venda deste bem público, entre tantos outros exemplos que o leitor vai tendo contato; enfim, novamente os séculos passavam e a necessidade de defender direitos é uma luta constante do povo brasileiro.

Neste sentido, *Paraná insurgente* é uma publicação fundamental para se entender o Brasil, para se entender quem somos nós, quem é o povo brasileiro em suas lutas por um mundo melhor para todos, e que deveria ser divulgada e estudada em nossas escolas e faculdades.

Referências

MENDONÇA, Joseli Maria Nunes; SOUZA, Jhonatan Uewerton (Org.) **Paraná insurgente: história e lutas sociais – séculos XVIII ao XXI**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2018.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Viva o povo brasileiro**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

Alessandro Cavassin Alves
Doutor em Sociologia pela UFPR
Professor de Sociologia SEED/PR
Professor da Faculdade São Basílio Magno (FASBAM) e Uniandrade
alessandrocavassin@gmail.com